Genial Ator![1]

Pedro Rabelo

[56][2] Já me não lembra qual era o título da peça que por aquele tempo se representava no S. Pedro. Parece-me que era o *Demônio do Mal*; o *Demônio* ou a *Vilania de Rei*. Vá que fosse a *Vilania*. Belo drama! Os jornais achavam que era uma peça filosófico-sociológico-moral e acrescentavam: "É mais uma pérola arrancada ao glorioso escrínio do festejado dramaturgo Borbas de Vasconcelos". O Borbas era também o autor dos *Desgraçados que Riem*, que já haviam dado uma dúzia de representações. E por tudo isso rejubilava. Quem não rejubilava era o Fabriciano Correto.

Vilania de Rei... O rei era um que por aquele tempo estava no galarim. O Fabriciano fazia de duque de Santo Ildefonso. E no 5º ato, brandindo a espada, rangendo os dentes, pálido e trêmulo de raiva, tinha que recitar uma fala enorme, da qual a frase última era, por assim dizer, o maior atrativo da representação.

É preciso confessar uma coisa: o duque de Santo Ildefonso não era papel para as forças do Fabriciano. Ele nunca fora homem para indignações,

---

[1] RABELO, Pedro. Genial ator! In:_. *Alma Alheia*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. p. 56-60. [1895]

[2] Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

nem para gritos. Se lhe houvessem distribuído um tipo de homem pacato, dado a conselheiro, amigo da humanidade, teria feito um sucesso... Mas não lhe deram. De modo que o pobre diabo do Mamami lá se arranjou como pôde. Se não chegou a fazer um brilhareto, não foi por falta de ensaios. Quinze dias antes, já ele brandia a bengala e berrava como um doido no seu quarto da rua de Riachuelo.

Ah! O Mamami! O tal que por aquele tempo estava no galarim dizia dele que "era de gloriosa memória". Outros achavam-no apenas um pobre-diabo de burguês. O Borbas, o próprio Borbas, dissera dele, encolhendo os ombros: "É um pedaço de blasé". O Fabriciano não compreendeu o blasé, mas zangou-se, deu o cavaco. E maior cavaco dava ainda quando lhe chamavam o Mamami. Mamami era um resto do *Mamã-mi-qué-ovo* com que uma vez o haviam alcunhado no colégio. Meio tatibitate, danado por ovos, o Fabriciano pedia-os assim, na sua meia língua: "Mamã-mi-qué-ovo". E o Mamã-mi-qué-ovo ficou.

Quando a *Vilania* foi à cena, a crítica inteira acudiu ao teatro. Já pela manhã os jornais tinham anunciado que "um brasileiro de talento, o Sr. Borbas de Vasconcelos, fizera mais uma tentativa em favor do nosso depauperado teatro nacional". O Borbas torceu o nariz ao "senhor", mas achou agradável o "brasileiro de talento". À noite, ao ver o teatro cheio, sorriu, esfregou as mãos, e foi para os bastidores, para animar a rapaziada.

[57] Subiu o pano. O primeiro ato da *Vilania* passava-se num jardim do real palácio, "por uma plácida, por uma perfumosa noite de luar", como lá se dizia na peça. O Fabriciano ainda não entrava; se entrasse, não haveria motivo para a sua indignação do 5º ato. Quem entrava era a duquesa, a honesta Santo Ildefonso! O rei também entrava, apressadamente até. E das

revelações de semelhante encontro, e de todo o apaixonado diálogo de ambos, resultava que os Santo Ildefonso ficavam moralmente obrigados a baixar a cabeça ao peso daquilo tudo.

O caso não se complicava muito por isso. O rei fazia ao nobre Santo Ildefonso a honra insigne de lhe conceder o pariato... "por amor dos seus grandes serviços e dos da ilustre dama, a virtuosa duquesa..." Talvez que principalmente por estes últimos. E daí, pode ser que não. "É mais um para nossa família!", exclamava um velho Santo Ildefonso, ao saber da boa nova. "E é a ti que eu o devo!", gritava o duque, reconhecido, atirando-se de braços abertos para a sua cara mulher.

Acabava aí o 19º ato. Não é preciso dizer que a *Vilania* foi um acontecimento. Pelos corredores, durante o intervalo, não se fazia senão comentar o sucesso do Borbas. "Aquele ladrão tem talento como o diabo!", achava um rapazinho metido a coisas de literatura. Mas o Teodorico Valente, dramaturgo como o Borbas, tinha diversa opinião. No seu entender, a *Vilania* era uma formidolosa estopada.

Num ponto estavam todos de acordo: na frieza com que o Fabriciano dissera a frase final. Toda a gente esperava que ele se reabilitasse dali por diante. Veio o 29º ato, desenrolaram-se mais dois outros, chegou o último, onde se rompiam as cataratas do ludibriado Santo Ildefonso. Era aí que ele tinha de brandir a espada, trêmulo de ódio, fulo de indignação. Mas o pobre do Fabriciano não era homem para essas coisas; esforçou-se, gritou a valer... À toa! Por pouco que não compromete o papel.

Entretanto, a *Vilania de Rei* fez barulho, o Borbas chegou a ser por alguns dias uma celebridade. Falou-se em dar-lhe um banquete, pediram-lhe uma cena cômica para o benefício do tal que estava no galarim; e ao

mesmo tempo que pelos *a pedidos* d'O *Jornal*, num longo entrelinhado, *Um Espectador* lhe deprimia o mérito para salientar o do Teodorico Valente, em Maxambomba fundava-se o Grêmio Dramático Borbas de Vasconcelos.

O Borbas estava radiante, o Fabriciano, porém, desesperava-se com o não ser aplaudido, nem ao menos na cena do 5º ato. Para os outros, palmas e flores, para ele, nada. Num belo dia, houvera lá pelas galerias um certo ruído muito inquietador. Valeram-lhe uns bruscos *psiu!* atirados dos camarotes para o alto. Mas a tempestade podia desabar, lá se iria tudo quanto Marta fiou. O **[58]** Fabriciano punha-se de novo a ensaiar a grande fala, no quarto da rua de Riachuelo, brandindo ameaçadoramente a bengala, berrando como um possesso. Coitado do Fabriciano!

O suplício durava-lhe desde as notícias da primeira representação. O *Globo* logo, no dia seguinte, afirmava: "O Sr. Fabriciano estava evidentemente deslocado no seu papel". O *Jornal* dizia: "... O Sr. Fabriciano quase que sacrificou a bela cena com que termina o 5º ato". A *Gazeta*, então, chegava a fazer um trocadilho: "O Sr. Fabriciano Correto é que não foi correto nem nada". O Fabriciano não fez escândalo porque não era homem para indignações. Veio-lhe, porém, a ideia de arranjar uns aplausos também para si. Como diabo os havia de arranjar? O Fabriciano não sabia, mas havia de ver. E pôs-se a pensar e a matutar no caso. Afinal, parece que tomou uma resolução. Parece. Ele não a comunicou a ninguém, nem ao empresário, quando lhe foi pedir, pela manhã, "que fizesse o favor de lhe adiantar cento e cinquenta mil-réis".

À noite, o S. Pedro regurgitava. Pudera! "Hoje, maior sucesso da época, 18ª representação da *Vilania de Rei*!" tinham apregoado os jornais. À porta, um grande cartaz anunciava para o dia seguinte ainda "o maior sucesso da

época". O Fabriciano, perto, ensinava a uns sujeitos onde era a subida para as gerais.

Pano acima, começou a *Vilania*. O jardim do 19º ato aparecia agora um bocadinho mais escuro, conselho do Borbas, para melhor efeito da lua. E a um lado, sob o caramanchão, o soberano e a duquesa trocavam-se juramentos de amor "por aquela plácida, por aquela perfumosa noite de luar...".

O Borbas lá estava no teatro, mirando-se na sua obra, deliciando-se com aquele apaixonado diálogo de ambos, como se nunca o tivesse ouvido, nem tivesse escrito ele mesmo. Outrem deixaria de ir ou de assistir ao espetáculo todo inteiro; ele não. Ele e o Teodorico; este último para ver quando diabo começavam as vazantes. *Um Espectador*, o mesmo dos *a pedidos do Jornal*, já as anunciara para qualquer daqueles próximos dias.

Nessa noite, o Borbas e o Teodorico estavam justamente a pensar que o Fabriciano parecia agora mais à vontade no papel. Parecia, não; estava realmente; ou fosse que ele se tivesse resolvido a dar tudo logo nas primeiras cenas, ou que já se não incomodasse muito com a grande fala do 5º ato, o caso é que o Fabriciano estava agora mais afinado no papel.

Veio o 5º ato. O Teodorico lá se fora sentar na primeira fila de cadeiras, para não perder nenhum dos movimentos do Fabriciano. E o Fabriciano entrou, braços cruzados, cabisbaixo, abatido ainda pela revelação do adultério da honesta Santo Ildefonso. Estrondeou uma grande, uma uniforme, uma entusiástica salva de palmas. O Fabriciano parou, mirou as torrinhas, atravessou **[59]** para o fundo, por onde o rei vinha naquele momento a entrar. Nova salva de palmas irrompeu. Desceu ao proscênio. Palmas repercutiram ainda.

E por aquele começo de ato afora foi um nunca acabar de palmas escandalosamente sonoras. Eram palmas por dá cá aquela palha. O rei, o tal que estava no galarim, começava já a desconfiar de tamanha prodigalidade de aplausos. Ali andava por força bandalheira do Mamami. E recordou-se do adiantamento dos cento e cinquenta mil-réis. Uma claque! Ora, ali estava para o que servira o dinheiro. O idiota do Fabriciano nem ao menos sabia escolher gente esperta para aquilo. O próprio Fabriciano já se ia enfurecendo com o caso. As palmas continuavam, cresciam sempre. Afinal, começou a grande fala, a célebre tirada do 5º ato. "Que o céu vos valha, senhor; mas ides restituir-me aquele coração que era meu!".

Restituir-lhe o seu coração! O rei estava mas era a debochá-lo, meio virado de costas para o público. Fazia-lhe caretas, fingia que também lhe estava a bater palmas. E, súbito, num ponto da cena, porque tivesse de investir para ele, e valendo-se do barulho que faziam as palmas:

— Eh, Mamami! — gritou.

Mamami! O Fabriciano perdeu as estribeiras. Era demais, também aquilo era demais. E atirou-se, espada em punho, para o canalha do rei. O braço tremia-lhe de raiva, as palavras saíam-lhe freneticamente, borbulhando, prenhes de ódio, coruscantes de indignação.

— Mamami! Espera, pedaço de canalha! — E as palmas cresciam cada vez mais. Agora era a plateia inteira. Ninguém ouvia o que estava dizendo o Fabriciano; viam-lhe apenas a indignação nos gestos, a cólera na fisionomia. E toda a gente achava que aquilo era verdadeiramente magistral.

Era à toa que o ponto berrava os últimos trechos da grande fala... "Por esta espada que tenho, vos juro que daqui não saireis vivo, senhor!". Qual vivo, qual nada! "Mamami é ela, meu grandessíssimo cão!".

O rei não esperou o golpe do Fabriciano para se deixar cair morto no palco; atirou-se de costas, mal a durindana silvara, lúcida, no ar. Desceu o pano, muito devagarinho. Toda a gente batia palmas, delirante, quase doida. A sala inteira vinha abaixo, à diabólica barulhada de toda aquela ovação. Um espantoso sucesso! O Borbas, sôfrego, a acotovelar toda a gente, atirou-se para o camarim do Fabriciano, para lhe agradecer a sua interpretação. E o Teodorico — o Teodorico ele próprio! — teve esta simples, esta eloquente, esta convencidíssima frase:

[60] — Genial ator!

Ficha técnica

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação Digital: Rebeca Riga
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra
Biblioteca digital de narrativas obscuras brasileiras